



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARCUS AURÉLIO CAVALCANTI PAREDES

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: LIMITES E DESAFIOS

JOÃO PESSOA – PB
2019

MARCUS AURÉLIO CAVALCANTI PAREDES

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: LIMITES E
DESAFIOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

JOÃO PESSOA – PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho

P227e Paredes, Marcus Aurelio Cavalcanti.
A educação sexual no contexto escolar (manuscrito) :
Limites e desafios / Marcus Aurelio Cavalcanti Paredes. –
2018.
26 p. : il. Colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2018. “Orientação: Profa. Ma. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Clínica Academia Escola de Educação Física – CCBS.” 1. Educação sexual. 2. Cotidiano escolar. 3. Adolescente.
I. Título

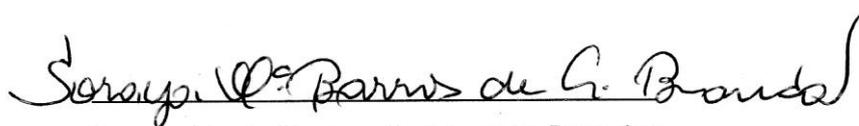
21. ed CDD 372.372

MARCUS AURÉLIO CAVALCANTI PAREDES

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: LIMITES E
DESAFIOS**

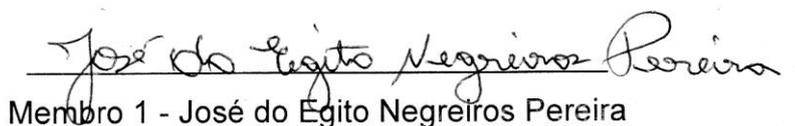
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06/12/2014.



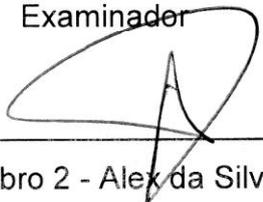
Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Orientadora



Membro 1 - José do Egito Negreiros Pereira

Examinador



Membro 2 - Alex da Silva

Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me incentivam a crescer pedagogicamente e pessoalmente; a minha esposa e filhos que me dão apoio e condições para estudar; aos colegas de trabalho que me ajudaram nas pesquisas e sugestões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pela saúde e disposição me conferida para terminar este trabalho;

Aos professores da especialização que nos ensinaram e ajudaram durante curso;

A professora orientadora Soraya Brandão, que me aceitou como orientando e me deu condições de ter terminado este trabalho;

Ao Governo do Estado que nos proporcionou essa especialização.

RESUMO

Durante muito tempo, a sexualidade foi vista como algo feio, especificamente relacionado ao pecado capital, não sendo, com isso, discutida nem na família nem na escola, o que resultou em vários problemas sociais, a exemplo da gravidez na adolescência, dentre outros. Apesar de ser um assunto bastante discutido nos meios sociais, a sexualidade ainda é ignorada nos bancos escolares, resumindo-se, muitas vezes, a aulas de ciências, mesmo assim, tratada em sua superficialidade, ou seja, aulas de anatomia ou discussões que abordam os perigos da sexualidade. Diante disso, desenvolvemos o presente estudo, de caráter bibliográfico, cujo objetivo é discutir a importância da Educação sexual no cotidiano escolar. Não simplesmente numa visão reducionista do termo, como sendo uma mudança porque passa o corpo humano em uma determinada idade cronológica, mas, sobretudo, as relações com os outros e na autonomia da busca do conhecimento do sexo. Para isso, tivemos como base teórica os estudos de Ávila (1996), Fagundes (2005), Furlani (2009), Nunes (2006), Oliveira e Dias (1998), Vasconcelos (1971) dentre outros. ...

Palavras-chave: Adolescência. Educação sexual. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

Knowing the representations of sexuality , investigate the felt and perceived changes in the body, the feelings and the interaction of adolescents with their peers. Using the literature review study methodology on the subject , drawing on extensive academic literature produced , such as articles, theses, dissertations and books for a thematic analysis that allowed the representation of the content, interpretation and determination of the categories and the comparison with the reference theoretical , with the results , the different conceptions of sexuality arising from the sexual act itself , from the personal and individual maturation of sex life , including the loss of virginity , the relationship with each other and the preservation of intimacy.

[P1] Comentário: Mudar, MAS SÓ PRECISA NA VERSÃO FINAL. PARA AGORA PODE IR SEM O ABSTRACT

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. Sexualidade, Adolescência E Orientação Sexual	12
2.1 Compreendendo Seu Significado	12
2.2 A Importância Da Orientação Sexual Na Adolescência	15
3. A Educação Sexual No Contexto Escolar- Limites E Desafios	18
3.1 Aspectos Históricos Da Educação Sexual No Brasil	18
3.2 Sexualidade Na Escola	21
3.3 A Educação Sexual No Espaço Escolar E As Orientações Curriculares Oficiais	23
4. Considerações Finais	26
5. Referências bibliográficas	27

INTRODUÇÃO

A preocupação com a sexualidade e a gravidez precoce na adolescência tem sido recorrente tanto no âmbito familiar como nas instituições educativas, o que tem ensejado vários estudos na área.

A adolescência é um dos temas que tem despertado, nos tempos atuais, bastante atenção por partes de educadores, preocupados em buscar soluções para os problemas próprios dessa fase, incluindo aí, a sexualidade. Vale ressaltar que a sexualidade ainda é vista como tabu, o que faz com que tanto a família como a escola se omitam a tratar do assunto. Isso, certamente, leva os jovens a buscarem esse conhecimento com os amigos, o que nem sempre acontece de forma correta.

Sabemos que as manifestações da sexualidade acontecem desde a infância quando a criança começa a se tocar, a se conhecer, na carícia no próprio corpo, na curiosidade sobre o outro e nas relações com esses outros, através de brincadeiras, músicas, piadas sobre o sexo, dentre outras. Nesse sentido, a escola, juntamente

com a família, deve proporcionar tanto a criança como aos adolescentes um trabalho educativo voltado para a Educação sexual, uma vez que é no ambiente escolar que surgem as principais mudanças nas relações afetivas entre as crianças e os jovens.

Vale ressaltar que o trabalho de Educação sexual não se resume à compreensão biológica, enfatizando atividades higiênicas e preventivas de doenças e gravidez, mas, sobretudo, voltado para o exercício da cidadania, uma vez que a sexualidade também está ligada ao respeito por si e pelo outro, como também a garantia de direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, conforme defende Furlani (2009).

Diante disso, desenvolvemos o presente estudo, de caráter bibliográfico, cujo objetivo é discutir a importância da Educação sexual no cotidiano escolar. Não simplesmente numa visão reducionista, voltada para questões higienistas e de saúde, como já falamos, ou uma mudança porque passa o corpo humano em uma determinada idade cronológica, mas, sobretudo, as relações com os outros e na autonomia da busca do conhecimento do sexo.

Para isso, tivemos como embasamento teórico os estudos realizados por ...

Nosso estudo constitui-se de dois capítulos. O primeiro capítulo consta de uma abordagem geral sobre a importância da Educação sexual na adolescência, considerando as várias concepções sobre o termo sexualidade.

No segundo capítulo discutimos a Educação Sexual no contexto escolar, enfatizando as práticas pedagógicas, bem como as diretrizes oficiais.

Acreditamos que o presente estudo possa trazer contribuições para os educadores, a fim de favorecer a reflexão e a resignificação das práticas pedagógicas nessa área, levando aos alunos as informações e os conhecimentos que permitirão compreender as diferentes dimensões da sexualidade e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de atitudes com responsabilidades.

CAPÍTULO I

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E ORIENTAÇÃO SEXUAL

1.1 COMPREENDENDO SEU SIGNIFICADO

A preocupação com a sexualidade e a gravidez precoce na adolescência tem sido recorrente tanto no âmbito familiar como nas instituições educativas, o que tem ensejado vários estudos na área. Partindo do cenário atual, temos que há uma população que se inclui em um grupo de risco, a juventude, e esta necessita de políticas públicas específicas para que possa garantir a busca para exercer de forma plena e perene as faculdades pertinentes da cidadania. A cidadania, nesse sentido,

está relacionada ao conhecimento de si, bem como as interações que os sujeitos estabelecem com o meio em que vivem. Nessas interações estão envolvidos vários fatores, tais como: a exposição de emoções como a autoestima, liberdade, o prazer sexual, o conhecimento do próprio corpo, bem como o respeito a si mesmo e aos outros. Todos esses elementos estão diretamente ligados à questão da sexualidade.

É importante ressaltar que a sexualidade não diz respeito ao sexo, mas, sobretudo, as diversas formas que as pessoas buscam para obter ou expressar prazer. Essa discussão sobre a sexualidade é abordada das mais variadas formas. Fagundes (2005, p.16) explica a sexualidade partindo de três fatores: o potencial biológico, as relações sociais de gênero e a capacidade psico-emocional dos indivíduos. Nesse sentido, o autor defende que:

Para dar conta do entendimento desta dimensão humana que é a sexualidade, é preciso, contudo analisá-la como um processo relacional intenso que se fundamenta, basicamente em elementos discretos, mas complementares: o potencial biológico, as relações sociais de gênero e a capacidade psico-emocional dos indivíduos. Neste sentido, é possível admitir, para uma mais sólida compreensão, que a sexualidade tenha três grandes componentes: O biológico, o psicológico e o sociocultural (FAGUNDES, 2005, p.16).

O potencial biológico está relacionado à reprodução as características sexuais reguladas por questões hormonais que determinam as características biológicas de homens e mulheres. O componente psicológico está associado à emoção, sentimentos e conflitos. Já o componente sociocultural diz respeito às normas e os valores estabelecidos pela sociedade. Este último componente regula o comportamento dos sujeitos, ou seja, o comportamento sexual de homens e de mulheres, exercendo assim fortes influências sobre os indivíduos.

Ávila (1996, p.166-167), aborda a sexualidade da seguinte forma:

[...] a sexualidade é um domínio cercado de mistérios, tabus, proibições, ao mesmo tempo em que tem sido, secularmente, um discurso repetido até a exaustão, uma fala pública para uma prática privada, vivida como domínio de pura emoção, da natureza [...]. A sexualidade, como já afirmamos anteriormente, tem sido fortemente regulada, não tanto no âmbito da legislação, mas das relações

cotidianas: é a religião, a família, a medicina, a psicanálise, a mídia que se constituem em elaboradores e repassadores de códigos e definições. Paralelamente, ela é o lugar por excelência de transgressão, numa eterna e séria brincadeira de ocultação e desvelamento.

Sabemos que durante muito tempo, a sexualidade foi vista como algo feio, especificamente relacionado ao pecado capital, não sendo, com isso, discutida nem na família nem na escola, o que resultou em vários problemas sociais, a exemplo da gravidez na adolescência, dentre outros. Ainda hoje esse tema é um tabu, pois muitos ainda o entendem como ato sexual. De acordo com Oliveira e Dias (1998, p.124), “As crianças crescem pensando que o tema da sexualidade não deve ser tratado com adultos e que os órgãos sexuais e as sensações ligadas a eles são causa de vergonha e culpa”.

Apesar de ser um assunto bastante discutido nos meios sociais, a sexualidade ainda é ignorada nos bancos escolares, resumindo-se, muitas vezes, a aulas de ciências, mesmo assim, tratada em sua superficialidade, ou seja, aulas de anatomia ou discussões que abordam os perigos da sexualidade. De acordo com (Nunes 2006p.109):

[...] aqueles que pretendem apresentar a sexualidade na perspectiva institucional escola deverão, em primeiro lugar, escandir os apelos de controle e dominação, normatização repressiva e arbitrariedades históricas calcadas no preconceito e na negação do desejo e afetividade. A condição humana, nesta perspectiva de sentido, espelha o apanágio de poder realizar, com o sentido da escolha, a própria dignificação do corpo e suas múltiplas formas de doação, plenitude, encontro, conquistas e expropriações.

Essa seria uma forma mais abrangente de enxergar a sexualidade, não simplesmente uma visão reducionista do termo, como sendo uma mudança porque passa o corpo humano em uma determinada idade cronológica, mas, sobretudo, as relações com os outros e na autonomia da busca do conhecimento do sexo.

Ressaltamos que a sexualidade passa pela questão do conhecimento pleno de si mesmo. Só assim, o sujeito pode exercer o poder sobre si e em relação ao outro.

Outro ponto bastante importante para discussão da presente temática é o conceito de Adolescência, pois é neste período do tempo cronológico, de enormes mudanças no corpo e na mente, que é preciso uma ação muito mais precisa na atuação dos agentes detentores do poder técnico dentro dos aparatos estatais,

como por exemplo, a escola.

Chamamos a atenção para o fato de que o termo adolescência não está relacionado apenas ao tempo cronológico, mas está intimamente ligado a transformações psicossociais que ocorrem no indivíduo que podem anteceder ou suceder à puberdade.

A compreensão do que é ser adolescente no seu convívio social pode nos ajudar a oferecer reflexões importantes no âmbito da escola. Nesta relação, a escola exerce enorme influência sobre esse grupo, pois é lá onde passam boa parte do seu dia e onde se dá as relações de amizade e do conhecimento do que é ser adolescente, pois está acompanhado por outros que passam pelo mesmo processo. Neste convívio social, os adolescentes manifestam essas relações apresentando e entendendo as próprias diferenças, perpassando as próprias experiências através de convívio, fazendo-se atores na compreensão de si mesmos e em relação ao outro.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um dos temas que tem despertado nos tempos atuais bastantes atenção por partes dos acadêmicos da Escola em busca das resoluções dos problemas próprios do tema e, sobretudo, melhor compreensão para que a escola possa enfrentar os dilemas, sendo ela eficaz na forma de ensinar e assim cumprir seu papel na sociedade na formação de cidadão plenos e autônomos detentores de direitos e obrigações nas relações sociais.

No corpo, o adolescente passa por mudanças gigantes e rápidas através da ação hormonal provocadas pela ação dos hormônios, parte esta, características da puberdade. No entanto, o que percebemos hoje é a antecipação destes períodos, tornando a menarca e semimenarca, ainda mais precoces, isso sem falar nas outras mudanças psicológicas que passa o adolescente. E por fim deste processo há o amadurecimento sexual destes indivíduos tornando-os, muito mais cedo, aptos para reprodução.

Esta mudança extrema e muito rápida, e por vezes, antecipadas por ações da sociedade, como por exemplo, o uso acentuado de apelos sexuais na mídia, tem

exposto os adolescentes a riscos físicos, psíquicos e sociais, em virtude da má orientação acerca da sexualidade.

Nesse sentido, a escola deve realizar o seu papel, no contexto social que é a orientação sexual, não no sentido estrito de indicar um caminho que deve ser percorrido por aqueles que serão alvos desta orientação, mas sim, indicar a autonomia do saber para que eles, os adolescentes, tenham condições dentro do campo do conhecimento, das mais variadas formas de se entender neste processo, como indivíduo, portador de sexualidade e, responsável por suas ações, como também na relação com outros que logicamente são portadores de sexualidade.

Nesse sentido, Jardim e Brêtas (2006, s/p) aponta que “[...] a família, a sociedade e a escola são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas, ajudando o adolescente a enfrentar as situações de risco muitas das quais por ele mesmo geradas”.

É preciso, portanto, ter uma definição acerca do que se trata Orientação Sexual no âmbito da escola, e para isso, buscamos uma definição dada pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) (In: JARDIM e BRÊTAS, 2006, s/d):

„[...] todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia”, enquanto define Orientação Sexual como “processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas”.

Partindo deste prisma, a Orientação Sexual é competência da família, e é nela em que se deve haver as primeiras abordagens, e, sobretudo, é no seio familiar a base de formação, pois é lá onde o adolescente passa boa parte da sua vida. E mesmo a família não tendo um diálogo aberto com o adolescente, a orientação é passada através das vivências, gestos, expressões e proibições dada pela família.

Mesmo que a família não participe deste diálogo de forma direta ou indireta, como já tratamos, há de se observar que o adolescente é bombardeado em todos os momentos e em todas as direções e diretamente, através dos meios de comunicações, que abordam a sexualidade através da mídia apelativa com conteúdos de apelo sexual que acabam por sua vez deturpando a forma como a

sexualidade deve ser abordada, como isso, trazendo risco a estes jovens.

Por isso, a escola constitui um palco bastante importante neste processo, não como coadjuvante, mas como protagonista, não único, mas junto ao adolescente. A escola não pode se esquivar de seu importante papel neste contexto, e deixar de dar sua contribuição na formação deste adolescente, agora não pode participar somente, por ter esta função, é necessário, portanto, que ela se entenda como papel fundamental no processo. Para que isso ocorra é necessário que se prepare em todo seu corpo, buscando ajustar seu currículo e suas práticas pedagógicas, para que estas abordagens se efetivem, e possa contribuir de maneira significativa na formação e na orientação sexual de seus alunos. Essa educação sexual é enfatizada por Vasconcelos (1971, p. 111) da seguinte forma:

[...] educação sexual é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanham a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor.

Assim sendo, compreendemos que a Educação Sexual não é só um repasse da enciclopédia de ciência sobre o corpo humano, mas uma enormidade de outras possíveis significações da própria fisiologia, de como se ver o próprio corpo e o do outro, baseado nas interpretações culturais ao qual estão submetidos. Vale considerar que o favorecimento do conhecimento de si mesmo, leva o jovem a exercer sua cidadania de forma mais consciente e responsável, uma vez que está implícito aí o respeito ao outro, conforme já mencionamos.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: LIMITES E DESAFIOS

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

A Educação sexual escolar sempre foi, ao longo de toda a história, um tema polêmico no nosso contexto educacional. Isso, conforme defende Nunes (1997), se deu pela influência da igreja, que via a sexualidade como algo pecaminoso.

O tema sexualidade começa a ser tratado de forma mais específica nos currículos das escolas de Ensino Fundamental e das escolas de Ensino Médio na década de 70 no Brasil. Acredita-se que se deve ao fato das grandes mudanças que passaram a sociedade nos anos 60 e, sobretudo, a juventude nesse período. Também se atribui aos movimentos sociais, principalmente os movimentos feministas, que apregoavam o uso de contraceptivos, e conseqüentemente, o controle da natalidade. Há também relatos de trabalhos e atividades realizadas desde a década de 20, aqui no Brasil.

A partir dos anos 80 os movimentos organizados em virtude do afloramento da retomada da liberdade, provenientes a partir do declínio da ditadura militar, que começa a ocorrer durante esta década, impulsionam o pensamento de uma reforma escolar, onde o currículo passaria a ser mais flexível, fugindo das imposições das disciplinas, regulamentadas durante o período militar, assim a escola passaria a englobar em suas práticas pedagógicas a temática da sexualidade, na forma de Educação Sexual.

Constata-se que em meados dos anos 80 há um aumento significativo em trabalhos acadêmicos acerca desta temática. Grande em parte em virtude do aumento de gravidez indesejada e o crescimento de Infecções provenientes da contaminação pelo vírus do HIV – Síndrome da Imune deficiência adquirida - entre a

população brasileira e em especial a dos jovens. (PCN, Orientação Sexual, pág, 291).

No entanto, acreditava-se muito em uma resistência ao tema ser tratado no âmbito da escola por parte da família brasileira, mas pesquisas realizadas em Junho/1993, pelo instituto Datafolha mostram que 86% das famílias se posicionavam a favor que a educação sexual fossem tratadas nos currículos escolares. (PCN, Orientação Sexual pág, 292) No entanto, sabe-se que, mesmo que as famílias não dialoguem diretamente sobre o tema, as expressões, gestos, os comportamentos e as proibições ensinadas por eles, já em si constitui, a grosso modo, e Educação Sexual ministrada nos seios familiares. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/Orientações Sexuais (BRASIL, 1998, p.291):

Na prática, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade.

Entende-se que os gestos, palavras e manifestações dos pais constituem os primeiros e principais ensinamentos sobre a Educação Sexual. Tem-se a compreensão que milhares de estímulos e informações que são passadas diariamente pelos amigos, colegas, que são outros agentes sociais, produziram estímulos ao adolescente, fazendo parte deste processo de aprendizagem sobre esta temática.

Outra questão que precisa ser discutida é o papel da mídia neste processo, pois elas, utilizadas com grandes apelos sexuais e por vezes eróticos, em seu conteúdo invadindo nossas casas, fazem uma distorção na visão destes jovens, acelerando

determinados comportamentos sexuais que não são naturais as suas idades, por não dizer, gerando e reforçando até preconceitos e moralizando ou

atenuando outros através deste uso indiscriminado ou não regulado por parte da mídia. Quanto a isso, os PCNs/Orientações Sexuais (BRASIL, 1998, p.292) defende que:

A mídia, nas suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborado por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode produzir conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos.

Esse trabalho acaba por ajudar a sociedade nas lutas contra problemas que assolam a escola e que são originados pela falta de orientação sexual, causando, por exemplo, gravidez indesejada, fazendo com que esse aluno, perca o ano letivo em virtude do não uso de contraceptivos. Os PCNs acrescentam que o trabalho de Orientação Sexual

[...] também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Com relação à gravidez indesejada, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. Para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene. Isso contribui para o fortalecimento da autoestima, com a conseqüente inibição do submetimento ao outro. (BRASIL, 1998, p..293).

Nesse sentido, o papel na escola é bastante importante para que a implementação desta política educacional se faça pleno, incorporando a temática

nos currículos das escolas, entranhado através da transversalidade, para perpassar os mais variados campos do conhecimento. Assim, temas difíceis de serem tratados em casa, ganha agora um palco, utilizando agora da técnica acadêmica, e do conhecimento específico sobre o tema, são agora tratados na escola, graças à efetivação no currículo escolar do tema Orientação Sexual, dentro dos Parâmetros

Curriculares nacionais, os PCNs

2.2 SEXUALIDADE NA ESCOLA

A manifestação da sexualidade acontece desde a infância quando a criança começa a se tocar, a se conhecer, na carícia no próprio corpo, na curiosidade sobre o outro e nas relações com esses outros, através de brincadeiras, músicas, piadas sobre o sexo. É importante denotar que essas manifestações também ocorrem dentro da escola das mais variadas formas e, nesse sentido, a escola deve se posicionar de forma consciente mostrando como referência e mostrando quais são os limites que devem ser observados pelos na escola.

Essas manifestações também acontecem no âmbito escolar e é necessário que a escola se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais trabalhará as expressões da sexualidade dos alunos. Se é adequado ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre este tema, é importante que contribua para que a criança aprenda a distinguir as expressões que fazem parte da sua intimidade e privacidade daquelas que são pertinentes ao convívio social. A manipulação curiosa e prazerosa dos genitais e as brincadeiras que envolvem contato corporal nas regiões genitais são frequentes nos ciclos iniciais (BRASIL, 1998, p. 300)

Deve-se observar que comportamentos que acontecem dentro da individualidade e na intimidade do jovem, devem ser abordados pelos professores como um comportamento que não deve ser reproduzido no convívio social, não cabendo um juízo de valor pelos educadores, mas como sendo um comportamento inadequado para ele no convívio escolar.

É de competência de a escola definir o que deve ou não ser realizado no seu interior no que se refere a sexualidade, portanto, os limites serão tratados diretamente com os alunos, justificando a chamada dos pais à escola, só quando esse comportamento for inadequado e recorrente.

A escola tem que atuar principalmente nas lacunas existentes nas informações recebidas pelos alunos no exterior da escola, tirando dúvidas, e se o

assunto for comum a todos os alunos, trazer uma reflexão a todos os outros a fim de constituir um espaço de discussão e para os devidos esclarecimentos acerca do questionamento tornado gerais a todos.

É comum nos primeiros ciclos a curiosidade sobre concepção e parto, relacionamento sexual ou AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta. Outras surgem encoberta em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas etc. Observa-se também que as crianças reproduzem manifestações da sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas. Compete ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma clara e direta. Essa intervenção deve esclarecer as dúvidas dos alunos e, se o tema for de interesse geral, o professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento (BRASIL, 1998, p.301).

A agressividade por parte dos alunos, manifestado através de um comportamento inadequado fora dos limites propostos pela escola, é uma indicação que o assunto deve ser abordado abertamente e de forma direta, pois as dúvidas suscitadas e a ansiedade demonstrada através destes comportamentos dos alunos são sintomas das dificuldades encontradas na abordagem do tema, pois acaba por entrar na intimidade de cada um adolescente. De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998, p. 301);

Manifestações da sexualidade associadas à agressividade são indicadores da necessidade de discutir abertamente um assunto que causa ansiedade, desperta dúvidas e expressa uma nova vivência para eles, a do relacionamento sexual. Vergonhas, risos encabulados e principalmente a saída para a “gozação” são reações também muito comuns entre adolescentes, quando se coloca em pauta a questão sexual. Há, ainda, muitos que se calam, sentindo-se incapazes de expressar uma opinião a respeito dos assuntos relacionados à sexualidade. Isso acontece até com alunos e alunas que têm participação ativa nas aulas e na vida escolar, de modo geral. Todas essas reações indicam as dificuldades para

lidar com o tema, o medo de errar, de não ser “normal”, da opinião alheia. São difíceis porque se referem a coisas íntimas, que dizem respeito a cada adolescente, sem exceção.

A escola como espaço de reflexão deve se manter aberta para poder resolver

estas questões, ajudando aos jovens a passar por esta fase sem muitas turbulências, sem, com , a escola se torne uma policiadora de atitudes ou manifestações, ou até mesmo, uma escola repressora, e sim ela deve se tornar em ações protetoras. Esse espaço busca a manifestação saudável da sexualidade no esclarecimento de dúvidas vivenciadas pelos alunos em um debate aberto, uma conversa franca e direta com todos os sujeitos que fazem a escola.

2.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR E AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES OFICIAIS

A Educação Sexual é abordada no âmbito do privado dentro das famílias através das mais variadas formas, inclusive no diálogo da família, mesmo que de maneira direta ou indireta, tendo como base os valores adotados por cada família. Diferentemente na escola que deve incluir os mais variados valores e visões como forma que aluno possa obter uma referência sobre esta temática. O PCNs/ Orientação Sexual corrobora nesses termos:

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual³, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 1998, p. 299).

É necessário, portanto, a escola defina como será o trabalho com a Educação Sexual, devendo incluir no seu projeto educativo. É no PPP – Projeto Político Pedagógico – que é o documento que dirá a diretriz da escola, a missão os objetivos que ela deseja alcançar. Este documento é construído de maneira coletiva, tendo todos os agentes da educação como participe na elaboração, são eles, professores, alunos, pais, comunidade, enfim, todos aqueles que participam da comunidade escolar. Deve-se apresentar de forma clara a forma como será tratada a temática para que se evitem distorções e, com isso, não alcancem os objetivos pretendidos.

Precisa-se de uma forma coerente de abordar a Educação Sexual necessitando para isso, de uma abordagem que possa abarcar as mais variadas e múltiplas formas de valores encontrados na escola; Fazendo isso, a escola deverá ser um espaço de reflexão de todos os atores neste processo.

A Educação Sexual no âmbito escolar não deve ter um direcionamento proposto pela escola, pelo contrário, deve direcionar o aluno para que ele construa seu próprio caminho, partindo de uma visão baseada nos múltiplos valores abarcados na escola, dos diferentes atores que constitui ela. Deve-se ter o cuidado para que o limite seja a do campo pedagógico, tomando o devido cuidado para não invadir o âmbito da individualidade da intimidade do aluno e do professor ou de ambos ao mesmo tempo. Nesse sentido, os PCNs/ Orientação Sexual advertem:

O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal (BRASIL, 1998, p. 299)

No entanto, a possibilidade de que alunos que apresentem alguma demanda pessoal, poderá ter um atendimento particular dentro das atribuições da escola para resolutiva do problema apresentado. Observa-se aqui a possibilidade de auxílio a alunos que apresentem alguma dificuldade ou deficiência para expressar sua comunicação acerca da sexualidade. Para isso, a escola deverá fomentar estratégias para que todos possam participar deste processo de construção da Educação Sexual, garantindo o direito de acessibilidade a todos os alunos. Os PCNs trazem a sugestão para que a escola possa atuar em lacunas deixadas pela mídia, a família e os outros setores da sociedade, afim de que, os conhecimentos que os alunos já tenham deles próprios, possam estabelecer a partir daquilo que eles conhecem de mundo, e junto com que é transmitido pela escola, tendo partido do conhecimento científico e da técnica da academia sobre a

sexualidade, poderá o aluno agora empreender uma opinião e atitudes, que no entanto, ele poderá eleger como seus, dentro dos valores que ele julgue seus.

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1998, p.299).

A escola agora é palco destas reflexões, fazendo-se, como protagonista e mais, com que o aluno possa se encontrar dentro do processo, através daquilo que ele já traz do mundo exterior da escola, e junto com que é aprendido dentro de sala de aula, fazendo com ele agora, possa a partir dos valores que ele julgue seus, tenha a possibilidade de definir o caminho que deve seguir, tendo o respeito e tolerância sobre si e sobre o outro, tendo uma visão mais autônoma e compreendida dos mais variados valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de pesquisas, relatos e acompanhamentos de alguns comportamentos de adolescentes, verificamos a ausência de conhecimento correto da sexualidade, tanto por parte deles, como dos pais, que é um tabu em casa e também na escola, pois a escola precisa acertar uma forma viável de apresentar e discutir a sexualidade na escola. Observamos os problemas que causam nos jovens uma gravidez prematura e desqualificação social que é imposta pela sociedade nessa faixa etária, sem contar com os perigos eminentes de adquirirem doenças sexualmente transmitidas. Isso afeta diretamente no rendimento escolar e é uma das causas mais frequentes de evasão escolar, fortalecendo o número de pessoas semianalfabetas e o que conseguem são subempregos.

Se faz necessário uma política educacional nacional voltada para esse problema que foge do controle quando passa para a área da rebeldia e do vício, gerando assim um problema social grave e mais difícil de ser trabalhado.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B., Notas sobre direitos reprodutivos e sexuais. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. **Sexualidades Brasileiras** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996 .

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Série Educação Preventiva Integral. Brasília -DF: 1994.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho: Sexualidade e gênero – Uma abordagem conceitual. IN: **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. / organização. Salvador: Helvécia, 2005.

FURLANI, Jimena. Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: **Sexualidade**; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED –Pr., 2009. - p. 37 – 48.

NUNES, C. A. **A educação sexual da criança**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Francisco José Cabral de. DIAZ, Margarita. **Afetividade e sexualidade na educação**; um novo olhar. Secretaria de Educação de Minas Gerais / Fundação Odebrecht, 1998.

SUPLICY M, EGYPTO AC, VONK FWV, et al. **Guia de orientação sexual**: diretrizes e metodologia. 10ª ed. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 2004.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. In: **Revista brasileira de enfermagem**. vol.59 no.2 Brasília Mar./Apr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007 Acesso em 05/11/2014.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmas sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

ALBINO, Gianni Cesconetto. A sexualidade pelo olhar das jovens: contribuições para a prática do médico de adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, 2005.
Disponível em: http://www.spsp.org.br/revista_rpp/23-24.pdf. Acesso em 12/11/2014.